MEDIAÇÕES CULTURAIS: IDENTIDADE E HIBRIDIZAÇÃO NO FILME ESPANGLÊS

CULTURAL MEDIATION: IDENTITY AND HYBRIDIZATION IN THE MOVIE SPANGLISH

Francielle Modesto Mendes[1]

Resumo

O artigo intitulado Mediações Culturais: Identidade e Hibridização no filme Espanglês tem o objetivo de estudar os processos de entrecruzamento cultural e de constituição identitária dos imigrantes ao cruzarem fronteiras. Como ponto de análise, tem-se o filme Espanglês (2004), de James L. Brooks. A pesquisa é pensada a partir da diversidade cultural existente entre as personagens, além é claro, da relação que apresentam entre si e com o Outro. Parte-se dos estudos de Stuart Hall, Homi Bhabha, Zygmunt Bauman, Jorge Larrosa, dentre outros, que fazem uma abordagem sobre identidade, hibridismo, cultura e suas relações no mundo contemporâneo. Por fim, através desse estudo, vê-se o quanto as velhas e estabilizadas identidades estão em declínio, fazendo surgir as novas identidades fragmentadas e não unificadas.

Palavras-Chave: Identidade; Hibridismo Cultural; Personagens Ficcionais.

Abstract

The article titled Cultural Mediations: Identity and Hybridization in the movie Spanglish is aimed at studying the process of crossing cultural and identity construction of immigrants as they crossed borders. As a point of analysis,

1 Biografia Professora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Acre. Mestre em Letras pela UFac e Doutorando em História Social pela USP

we have the movie Spanglish (2004), James L. Brooks. The research is founded on the cultural diversity between the characters, and of course, showing the relationship between themselves and with the Other. Part from studies of Stuart Hall, Homi Bhabha, Zygmunt Bauman, Jorge Larrosa, and others, that make an approach to identity, hybridity, culture and their relations in the contemporary world. Finally, through this study, we see how the old and stabilized identities are in decline, giving rise to new identities fragmented and not unified.

Keywords: Identity, Cultural Hybridity; Fictional Characters.

O trabalho intitulado Mediações Culturais: Identidade e Hibridização no filme Espanglês tem por objetivo a compreensão dos processos de entrecruzamento cultural e de constituição identitária pela qual passam os imigrantes ao cruzarem fronteiras. O corpus do trabalho é o filme Espanglês, de James L. Brooks.

Espanglês é uma obra que conta sobre a migração da personagem Flor e de sua filha do México para os Estados Unidos. Considera-se, aqui, essa fronteira México–EUA como unidade de análise única e complexa, semelhante ao conceito atribuído ao Atlântico, por Paul Gilroy. O autor considera o oceano, local de importante constituição identitária para os africanos durante a vinda para o ocidente. O Atlântico Negro seria o espaço imaginário de outra viagem, protagonizada não pelos colonizadores em suas obras de expansão e conquista, mas uma forma de repensar a cultura viajante, a partir da experiência e das trocas culturais protagonizadas pelos subalternos. Os Estados Unidos constituem, nesse sentido, um espaço vivencial para os migrantes; o que colabora para a construção simbólica do *status* de pertencimento e de identidade para as personagens mexicanas da história.

A história é narrada em *flashback* por Cristina, filha de Flor, quando envia uma carta

à Universidade Princeton pedindo uma bolsa de estudos. Em terras norte-americanas, a latina precisa criar estratégias de sobrevivência para lidar com as diferenças culturais entre os países. Ela conta que foi abandonada pelo pai, que tem sua mãe como exemplo de vida e quão difícil foi a vida das duas no período de imigração de um país para outro.

O recurso do *flashback* é um resgate da memória ao passado. Uma forma de se aproximar do que foi vivido em outros tempos. Como afirma Le Goff (1994), a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades atuais. E Cristina faz uso desse recurso para contar a infância vivida nos Estados Unidos, após a fuga do México na companhia da mãe. Le Goff (1994) acrescenta que esse apanhado de informações do passado está diretamente envolvido com o contexto familiar, social e nacional em que as pessoas estão inseridas.

O choque de culturas não se dá logo no início do filme porque a protagonista Flor hospeda-se em um bairro considerado o lado mexicano de Los Angeles. Depois de cruzar ilegalmente a fronteira entre México e Estados Unidos, ela é recebida por uma prima. A jovem mexicana passa a viver com tranqüilidade no bairro norte-americano com características latinas e, a princípio, não percebe grandes diferenças entre seu país de origem e a comunidade onde se estabeleceu. Até que um dia, pela necessidade de melhorar o salário, ela passa a trabalhar na casa de uma família americana, em outro bairro, e se sente obrigada a interagir com uma nova cultura e uma forma diferente de ver o mundo.

Larrosa afirma que "como os estrangeiros, nós também não temos um mundo que podemos chamar de nosso", (2002, p. 84). Por isso, a necessidade da reflexão. E acrescenta: "estrangeiros são seres obscuros e sempre enigmáticos que não podemos ignorar tão facilmente e cuja presença provoca reações,

às vezes, contraditórias e inquietantes". (2002, p. 70). Flor é exatamente assim: inquietante. Por um tempo, ela luta e resiste à influência norte-americana. Apesar de ser estrangeira, a personagem tenta manter seus valores e cultura intactos, mas a convivência faz com que ela perceba a necessidade de se adaptar, falar a língua 'dos outros', negociar, principalmente para sobreviver e, sobretudo, não perder sua filha que já estava encantada com o *American way of life*. E é nesse momento que as relações desvanecem e precisam ser repensadas, como propõe Zygmunt Bauman:

> Você só tende a perceber as coisas e colocá-las no foco do seu olhar perscrutador e de sua contemplação quando elas se desvanecem, fracassam, começam a se comportar estranhamente ou o decepcionam de alguma outra forma. (BAUMAN, 2005, p. 23)

Essa resistência inicial indica que sua ida aos Estados Unidos tinha contornos financeiros. O objetivo, a princípio, era fazer fortuna e depois regressar a terra natal. Porém, a necessidade de ganhar um melhor salário, não só a leva para um novo emprego na casa dos Claskys, como também a obriga passar por processos de adaptação e entrecruzamento cultural. E é nesse momento multicultural em que deve ocorrer "a administração e o controle da relação com o estranho" (LARROSA, 2002, p. 79) para que se tenha "uma função simbólica privilegiada de assegurar e fortalecer nossa identidade" (LARROSA, 2002, p. 79).

Observa-se, no filme, o mito da oportunidade propagado sobre os Estados Unidos. André Rissi (2006) destaca o fato de que esse mito baseia-se na ascensão financeira desejada por quem se muda para o país. Assim como qualquer nação, os EUA têm sua identidade relacionada com a concepção de sociedade moderna. E Hall (2004) completa esse pensamento afirmando

que a diferença entre as sociedades tradicionais e as ditas modernas baseia-se no fato de que as identidades modernas estão em constante processo de mudança, de forma rápida e permanente. Como afirma André Rissi (2006), a identidade está sempre em formação, sendo então incompleta.

A família Clasky é composta por John, pela esposa Deborah, seus dois filhos e pela bem-humorada sogra. É nesse contexto que se insere a mexicana Flor e, posteriormente, sua filha. Os desencontros começam na convivência dos estrangeiros latinos com a família. Juntos, eles percebem que estão separados por identidades diferentes e pela cultura em constante processo de construção. E é a diferença vivida pelas personagens que permite a demonstração de fortalecimento das identidades de cada um, principalmente, no que se refere à relação entre a mãe e filha mexicanas.

No decorrer do filme, em virtude das necessidades do trabalho e também das pessoas com as quais passou a conviver, Flor inicia um curso de inglês à distância. Com o auxílio de materiais didáticos, a personagem começa a desbravar o mundo dos falantes da língua inglesa. Através da descoberta de outro idioma, ela se percebe outra Flor. Então, inicia um processo de negociação a respeito de sua permanência em novo ambiente, passando a viver, assim, o entrecruzamento cultural em toda sua essência. De acordo com Tomaz Tadeu da Silva (2005), pode-se dizer que essa ligação entre a identidade e o lugar em que os sujeitos estão inseridos faz-se de forma relacional, e surge a partir da interação com a qual os sujeitos se identificam.

O processo de acréscimo vivenciado pela personagem Flor engendra uma ação de afirmação/negação que se configura de forma híbrida. Nesse sentido, o hiato cultural que se abre entre a identidade da mexicana e as intersecções que se configuram em seu novo espaço vivencial, se ajustam a uma zona fronteiriça "perfazendo um trajeto circular que, no entanto, não termina no mesmo local onde começou, já que cada imitação

é também uma adaptação" (BURKE, 2003, p. 32).

Em meio à mudança, Cristina fala que Flor está perdendo a luta contra os norte-americanos. A menina pensa *a priori* que esse envolvimento da mãe com a família significa a perda da luta pela defesa da própria cultura. Mas Stuart Hall (2004) prefere acreditar que Flor está vivendo uma das conseqüências da globalização – ela não está perdendo uma identidade, ela está constituindo uma nova. E o autor garante que mesmo que se tenha forte relação com seu lugar de origem, ao ultrapassar fronteiras, as pessoas perdem diversos vínculos com seus lugares e suas tradições, obrigando-se a negociar com as culturas a que se agregam. Antônio Cornejo Polar corrobora com o pensamento de Hall e acrescenta:

> (...) o migrante nunca deixa de o ser totalmente, ainda que se instale definitivamente em um espaço e o modifique à sua imagem e semelhança, porque sempre terá atrás de si sua experiência fundadora e uma quase imperturbável capacidade de referir a existência à natureza das estações e das fronteiras que teve de conhecer, para instalar-se num lugar que provavelmente tanto o fascina como o aterra. (POLAR, 2000, p.136)

Édouard Glissant (2005) completa o pensamento desses autores afirmando que uma das tarefas da arte, da poesia e da literatura é contribuir para levar a humanidade a admitir que o outro não é inimigo, que o diferente não corrói, que você pode se transformar em contato com alguém sem que isso o dilua. E é exatamente esse processo de relacionamento entre o "eu" e o "outro", um dos aspectos que pode ser percebido no filme aqui estudado.

As personagens do filme são exemplos de hibridização cultural, pois são 'obrigadas' a negociar com o outro e consigo mesmas, como pré-requisito a sobrevivência no novo local em

que estão inseridas. Para Tomaz Tadeu da Silva (2005) essa negociação mantém o hibridismo, que por sua vez, está ligado aos movimentos demográficos que permitem o contato entre diferentes identidades: as diásporas, os deslocamentos nômades, as viagens e, sobretudo, os cruzamentos de fronteiras, como no caso das personagens de Espanglês. "Cruzar fronteiras significa não respeitar os sinais que demarcam – 'artificialmente' – os limites entre os territórios das diferentes identidades." (SILVA, 2005, p. 88). Por isso, Bauman (2005) afirma que a identidade não tem a solidez de uma rocha. Como conseqüência, as personagens reconstroem os hábitos velhos diante dos novos e reacomodam o seu olhar perante os processos de adaptação pelos quais passam constantemente.

Segundo Canclini (2006), a hibridização corresponde a processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Nesse sentido, o hibridismo instaura uma miríade de sujeitos clivados, que não se vêem presos a um signo de tradição e tampouco à utopia do progresso moderno, mas processa uma "tradução" como sobrevivência, como ato de viver nas fronteiras. Flor, sob esse ponto de vista, leva uma vida entre culturas e isso acarreta numa "consciência dúplice" de sua identidade. A personagem mexicana vive à margem de duas culturas diametralmente opostas, isso implica numa redefinição simbólica de si mesma e de sua construção com o Outro, como aponta Homi Bhabha:

> Rushdie traduz isto como o sonho de sobrevivência do migrante: um interstício iniciatório; uma condição de hibridismo que confere poder; uma emergência que transforma o "retorno" em reinscrição ou redescrição; uma interação que não é tardia, mas irônica e insurgente. Isto porque a sobrevivência do migrante depende, como afirma Rushdie, da descoberta de

> "como o novo entra no mundo". A questão central é a elaboração de ligações através dos elementos instáveis da literatura e da vida – o perigoso encontro marcado com o "intraduzível" – em vez de se chegar a nomes pré-fabricados. (BHABHA, 1998, p. 311)

Ao longo do filme, as diferenças entre norte-americanos e latinos vão ficando evidentes, fazendo com que todos negociem a constituição de suas identidades em algum momento. Durante parte significativa da obra, a disputa pelo afeto de Cristina entre Deborah e Flor permite a compreensão das divergências e percepções de mundo das duas mães. Enquanto Flor procura ser uma figura presente no cotidiano e na educação da filha, participando de todos os momentos de sua vida, Deborah Clasky se mantém distante da realidade e dos problemas dos filhos. Como forma de suprir sua ausência afetiva, ela compra muitos presentes a eles – ressaltando o hábito consumista norte-americano – como forma de apagar o hiato das relações.

Na cena em que Deborah presenteia sua filha com roupas apertadas, Flor observa o culto ao corpo como parte importante da cultura do povo daquele país. A pequena Bernie Clasky sofre por receber presentes que não lhe servem e, principalmente, por sua mãe tê-la chamado de gorda. Nesse momento, a mexicana ainda não sabe falar nenhuma palavra em inglês, mas percebe que precisa ajudar na melhoria da auto-estima da menina. Durante a noite, ela costura as roupas para que Bernie possa usá-las. Esse episódio comprova o que Hall (2004) chama de negociação identitária e cultural. Há troca e não imposição de uma cultura sobre a outra.

Daí em diante, forma-se uma ligação entre as famílias. Bernie precisa do carinho de Flor e Cristina precisa dos presentes de Deborah, que não podem ser dados pela mãe. John Clasky percebe na mulher mexicana qualidades que não encontrava em sua própria esposa. Flor é

atenciosa com a família, preocupa-se com as crianças e com a bebedeira da sogra de John, Evelyn. Está sempre atenta as tarefas domésticas, além é claro de ser muito bonita. O sentimento entre o chefe da família Clasky é correspondido por Flor. John, assim como Bernie, eram as personagens mais dispostas a negociar com o processo de convivência e apresentavam olhares e interpretações sociais próximos aos vividos pelas latinas representadas no filme. "Para alguém que conhecia o machismo latino em primeira mão", diz a narradora Cristina, "ele [John] parecia ter as emoções de uma mexicana – uma mulher mexicana".

Além das relações de identidade e cultura, não se pode ignorar as relações humanas no âmbito doméstico. Estão presentes nessa história aparências que enganam e iludem, o valor da sinceridade, a necessidade que se tem de carinho e presença, o diálogo como parte da construção de relações sólidas e, principalmente, a demonstração verdadeira do sentimento que se tem em relação aos elos humanos.

Para os Claskys, Flor é o outro. Ela é o outro gênero, a outra nacionalidade, o outro corpo, a outra cultura, o outro agir, o outro pensar. Em meio a tantas mudanças das personagens, surge a crise de identidade e a questão do pertencimento. Bauman (2005) afirma que a idéia de identidade nasceu exatamente da crise de pertencimento e do esforço em transpor a brecha entre o 'deve' e o 'é' e erguer a realidade dos padrões estabelecidos pela idéia – recriar a realidade à semelhança da idéia. Aqui, pertencimento surge como a materialização, o contato, a interrelação de pessoas com o lugar. E a identidade como mediação simbólica desses contatos materiais, dessa interrelação topográfica.

> (...) conscientes de que o 'pertencimento' e a 'identidade' não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis (...) as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira

> como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o 'pertencimento' quanto para a 'identidade'. (BAUMAN, 2005, p. 17)

Outro fator que não deve ser deixado de lado no estudo da identidade é aquilo que poderia ser chamado de "memória social", isto é, a imagem do passado de um grupo que é compartilhada pelos membros desse grupo. No entanto, há uma circularidade importante envolvida aqui: quem pensa ser depende de quem já é. "Tal qual ocorre comumente às comunidades transnacionais, a família ampliada – como rede e local da memória – constitui o canal crucial entre os dois lugares" (HALL, 2003, p. 26).

O que outrora era certo, fixo e estável, agora é transitório, passageiro, fluido. No início da história, as personagens tinham a sensação de viver a concepção de sujeito do iluminismo, centrado no 'eu' unificado e individualista. Porém, segundo Hall (2004), o sujeito precisa entender o conceito de pós-modernidade para, então, compreender que sua identidade não é mais fixa, essencial ou permanente. "O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente." (HALL, 2004, p. 13). Como afirma Milton Moura:

> O homem ocidental, branco, judeu/cristão, que pensou o mundo como se ele fosse o *um* e o *outro* fosse simplesmente o *outro*, agora se depara com a incômoda acusação de que ele, o homem ocidental, é o *outro* daquele outro, o colonizado. Essa mudança é fundamental aos efeitos de perceber o crescimento em importância da discussão sobre a identidade. (MOURA, 2005, p. 79)

Ainda dialogando com Larrosa (2002), ele diz que o processo de formação não começa com a identificação, mas com a 'des-identificação' e

com a separação. E é nesse processo de ruptura entre as personagens, que elas se acharam. Não foram somente as estrangeiras, Flor e Cristina, que passaram por processo de hibridização cultural e internalização de suas fronteiras. Os Claskys também precisaram se reinventar frente às mudanças. John e Deborah se separaram. A relação entre eles e o filhos, finalmente, constituiu-se melhor, pois perceberam quão vazias e distantes eram suas relações. Trata-se de conhecer sua origem e não negar sua própria história, mesmo que haja a necessidade de negociar e/ou criar estratégias de sobrevivência em outro lugar.

Para Homi Bhabha (1998), o hibridismo cultural emerge em momentos de transformação histórica, como no caso das personagens em estudo, pois os valores provenientes de suas raízes, em algum momento, se 'chocam' com os valores adquiridos em 'outros lugares', o que implicará na formação de uma identidade híbrida.

As mexicanas Flor e Cristina são personagens híbridas que habitam as frestas de uma sociedade em formação/transformação, estão em local de passagem porque ultrapassaram a linha que separa México e Estados Unidos com o objetivo de ganhar dinheiro, fazer fortuna, sem a intenção de criar vínculos na região. Elas ultrapassam as fronteiras não somente do espaço, mas da vida e enfrentam o novo com força, determinação e coragem.

> (...) conjugar diferenças se impõe como uma nova necessidade, e as fronteiras emergem enquanto o espaço de sombra onde circulam, imbricadas e superpostas, diversas manifestações mescladas pela intervenção do plurilinguismo e da transnacionalidade. Viver a experiência do confronto com outras culturas, ocupar espaços desabitados, adotar práticas nômades, ser *frontier* ou *border* na hibridez babélica da zona fronteiriça, longe de se restringir à noção traumática de exílio enquanto perda de relação identitária,

> contribui para a permeabilização do trânsito entre o 'eu' e o 'outro' e para a preservação das diferenças. (FANTINI, 2004, p. 175)

As duas personagens latinas encontram-se deslocadas de si, por isso, muitas vezes, suas identidades flutuam no ar. E, como afirma Bauman (2005), estar 'deslocado' do seu lugar de pertencimento "pode ser uma experiência desconfortável, por vezes, perturbadora" (2005, p. 19). Pois sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder, ostentar, negociar, oferecer e barganhar.

Por fim, através dessa breve consideração, observa-se como as velhas e estabilizadas identidades estão em declínio, fazendo surgir as novas identidades fragmentadas e não unificadas, vistas como parte de um processo mais amplo de mudança que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades capitalistas. Confirma-se, aqui, o pensamento de Hall, quando ele diz que:

> (...) à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2003, p. 13)

Como se trata de um tema vasto, apenas esboçou-se alguns fios dessa questão, reconhecendo as lacunas do trabalho. Em razão disso, registra-se, aqui, o compromisso em continuar o debate em trabalhos posteriores, aprofundando algumas dessas temáticas.

Considerações finais

A questão da identidade e, com ela os processos de hibridização da cultura, tem-se

colocado hoje de forma expressiva nos mais diversos campos do conhecimento. Os fatores considerados básicos como suportes ou âncoras da identidade são: o espaço, a língua, a comunidade, os costumes, entre outros. A partir disso, a obra, aqui em estudo, testemunha a importância desses fatores e busca definição para a identidade, seja do ponto de vista individual ou coletivo.

Em *Espanglês*, as personagens reconstroem suas identidades e fazem o que Peter Burke chama de 'celebrar o *crossover',* termo emprestado de Perry Anderson. Em outras palavras, elas se (re) adaptam aos constantes processos de hibridização nos quais foram inseridas e vivem as misturas possíveis.

A migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades. Como afirma Tomaz Tadeu da Silva (2005), a migração é um processo característico de desigualdade em termos de desenvolvimento identitário. Devido a ela, essas identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras.

Em casos como esses, Burke (1995) aponta que as fronteiras são fundamentais – fronteiras culturais ou, em outras palavras, fronteiras simbólicas. As identidades geralmente dependem de estereótipos do *self* e também de estereótipos dos outros. As identidades apóiam-se naquilo que Freud chamou de "narcisismo de pequenas diferenças", ressaltando os aspectos que fazem com que uma comunidade seja diferente de outra.

Essas zonas de fronteiras podem ser descritas como "interculturas", não apenas locais de encontro, "mas também sobreposições ou intersecções entre culturas, nas quais o que começa como uma mistura acaba se transformando na criação de algo novo e diferente" (BURKE, 2003, p. 73).

A vivência do hibridismo cultural resultou em novas formas de perceber o lugar do 'eu' no mundo. As escolhas individuais podem ser concebidas criticamente como percursos

formadores de uma identidade que nunca será plena. Essas personagens movem-se, agrupando superficialmente diversas referências. Um vôo por falas, pensamentos e ações revela que as personagens vivem 'meio lá e meio cá', como estrangeiras, porém, são impulsionadas pelas dificuldades e têm vontade de não fracassar, vencendo as adversidades.

As personagens vivem na fronteira, ou seja, sem limites fixos e estáveis com linhas dinâmicas. Ser um sujeito fronteiriço significa poder escolher a identidade de acordo com a necessidade e dentro dos campos de diferença. E isso é facilmente percebido na narrativa de Cristina. Ao narrar sua própria história, quando adulta, ela já entende as reações, medos e inseguranças de sua mãe no passado. A identidade, portanto, já está adequada a outro contexto. E baseado no movimento entre o passado, presente e futuro, a jovem encontra como parte de sua identidade, a relação estabelecida com a mãe e encerra sua narração afirmando que nos Estados Unidos: "ela [Cristina] seria o meu México".

O estudo da identidade leva-nos a inúmeras veredas. E é possível perceber através da pesquisa uma pequena amostra desses caminhos, que certamente, são muito mais ricos e numerosos. Como diria Guimarães Rosa: "mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam". (1994, p. 20).

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman. Tradução Carlos Alberto Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi. K. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço, Gláucia Renate. 3ª reimpressão, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Editora Insinos, 2003.

_____. *A arte da conversação*. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.

Espanglês. Direção: James Brooks. Produção: James Brooks. Roteiro: James Brooks. Interprétes: Adam Sandler; Téa Leoni; Paz Veja e outros. Columbia Pictures, 2004. 1 DVD (131 min.)

FANTINI, Marli. Águas Turvas, identidades quebradas: hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem e outras misturas. In: ABDALA, Benjamin (org). *Margens da Cultura*: mestiçagem, hibridismo e outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 159-180.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*: modernidade e dupla consciência. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: editora 34, 2001.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma Poética da Diversidade*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

HALL, Stuart. *Da diáspora*: identidades e mediações culturais. São Paulo: Humanitas, 2003.

_____. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Guarcia Lopes Louro e Thomaz Tadeu da Silva. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004

LARROSA, Jorge. Para qué nos sirven los extranjeros? In: *Educação e Sociedade*: revista quadrimestral de ciência da educação. Dossiê; Diferenças. Nº 79. Ano XXIII. Agosto de 2002, p.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e*

Memória. Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1994.

MOURA, Milton. Identidades: construção de identidades, identidade local, regional, nacional, baianidade, brasilidade, identidade e militância. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org). *Cultura e Atualidade*. Salvador: Edufba, 2005, p. 77-91.

POLAR, Antônio Cornejo. *O Condor Voa*: literatura e cultura latino-americanas. Tradução Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão:* veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

RISSI, André de Merli. *Spanglish, o filme*: a influência da cultura americana sobre os latinos residentes nos EUA. Disponível em: http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/AndreRissi.pdf. Acesso em 10 jul. 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença*: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.